



A LIGA DOS CABEÇAS VERMELHAS¹

“A Liga dos Cabeças Vermelhas” apareceu em dúzias de coletâneas de contos. Nessa história, são especialmente memoráveis o burlesco Jabez Wilson, o estranho espetáculo de Fleet Street apinhada de ruivos, a primeira das muitas rondas noturnas a aparecer no Cântone e o complexo plano de John Clay, “o quarto homem mais esperto de Londres”. Quase à maneira de um mágico, Holmes faz rapidamente uma série de deduções bastante surpreendentes, talvez só equiparadas pela maneira como dissecou um chapéu em “O Carbúnculo Azul”. E depois, para nosso prazer, Watson registra a depreciação de Holmes por Wilson: “A princípio pensei que o senhor havia feito algo de extraordinário, mas vejo que, afinal, não foi nada de mais.” Delicadamente, Watson abstém-se de fazer comentários, mas nossa compreensão da amizade que o une a Holmes é enriquecida.

Um dia, no outono do ano passado,² ao fazer uma visita a meu amigo Mr. Sherlock Holmes, encontrei-o entretido numa conversa com um cavalheiro de certa idade,³ muito gordo, rosto vermelho e uma cabeleira cor de fogo. Pedindo desculpas pela intromissão, já me retirava quando Holmes me puxou abruptamente para a sala e fechou a porta atrás de mim.

“Não poderia ter chegado em melhor hora, meu caro Watson”, disse cordialmente.

“Receei que estivesse ocupado.”

“De fato, estou. E muito.”

“Nesse caso, posso esperar na outra sala.”⁴

“De maneira alguma. Mr. Wilson, este cavalheiro tem sido meu assistente e colaborador em muitos dos meus casos mais bem-sucedidos, não tenho dúvidas de que me será de grande valia também no seu.”

O gordo cavalheiro soergueu-se ligeiramente e fez-me um cumprimento de cabeça, lançando-me uma olhadela inquisitiva com seus olhinhos empapuçados.

1. “The Red-Headed League” foi publicado na *Strand Magazine* em agosto de 1891.

2. Em 1890, quando os eventos de “A Liga dos Cabeças Vermelhas” ocorreram (para esse consenso, ver vol.2, Quadro Cronológico), só *Estudo em vermelho* e *O signo dos quatro* haviam sido publicados.

3. “Que idade tinha Mr. Wilson?” pergunta Thomas L. Stix em “Concerning ‘The Red-Headed League.’” “Watson viu-o como ‘um cavalheiro de certa idade’ — o que significaria, talvez, uns 60 anos. Nessa idade não se possui ‘cabelos cor de fogo’. Na verdade, aos 50 a pigmentação já se alterou.”

4. Provavelmente isso significa o quarto de dormir de Holmes.



5. “Um caso de identidade”, o caso de Miss Mary Sutherland, só foi publicado na *Strand Magazine* em setembro de 1891, um mês depois da publicação de “A Liga dos Cabeças Vermelhas”.

“Acomode-se no canapé”, disse-me Holmes, voltando a refestelar-se em sua poltrona e unindo as pontas dos dedos, como era seu costume quando imerso em reflexão. “Sei, meu caro Watson, que você partilha do meu gosto por tudo que é extravagante, que escapa das convenções e da pasmaceira do dia-a-dia. Mostrou seu gosto por essas coisas com o entusiasmo com que se dispôs a relatar, e, se me permite dizê-lo, a embelezar um pouco, tantas de minhas pequenas aventuras.”

“Seus casos realmente foram do maior interesse para mim.”

“Talvez se lembre que comentei outro dia, pouco antes de enfrentarmos aquele problema muito simples apresentado por Miss Mary Sutherland,⁵ que, se quisermos encontrar efeitos estranhos e combinações extraordinárias, devemos procurar na própria vida, que vai sempre muito mais longe do que qualquer esforço da imaginação.”

“Uma proposição que tomei a liberdade de pôr em dúvida.”

“De fato, doutor, mas terá de acabar concordando comigo, pois do contrário continuarei lhe impingindo fato sobre fato, até que sua razão desabe sob o peso deles e reconheça que estou certo. Pois bem, Mr. Jabez Wilson, aqui, teve a bondade de recorrer a mim esta manhã e iniciar uma narrativa que promete ser das mais singulares que ouço nos últimos tempos. Você já me ouviu observar que as coisas mais estranhas e insólitas estão muitas vezes associadas não aos maiores, mas aos menores crimes, e às vezes mesmo a casos em que há margem para se duvidar se algum crime propriamente



dito foi cometido. Pelo que ouvi até agora não me é possível dizer se o presente caso configura ou não um crime, mas o curso dos acontecimentos está sem dúvida entre os mais incomuns de que já tive notícia. Talvez pudesse fazer a grande gentileza, Mr. Wilson, de recomençar sua narrativa. Peço-o não apenas porque meu amigo, o Dr. Watson, não ouviu o início, mas também porque a natureza peculiar da história deixa-me ansioso por ouvir dos seus lábios todos os detalhes possíveis. Em regra, depois de ouvir uma ligeira indicação do curso dos eventos, sou capaz de me orientar com base nos milhares de outros casos semelhantes que me acorrem à memória.⁶ Na presente situação, porém, sou obrigado a admitir, em sã consciência, que os fatos parecem inauditos.”

O corpulento cliente estufou o peito, revelando uma ponta de orgulho, e puxou do bolso interno do paletó um jornal sujo e amassado. Enquanto ele passava

6. O conhecimento que Holmes possuía de relatos de crimes, a que Watson se refere em *Estudo em vermelho* como “literatura sensacionalista”, é qualificado ali de “imenso”.



Mr. Jabez Wilson [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

7. No século XIX, a classe média (frouxamente definida como os que empregavam criados) expandiu-se, dividindo-se em vários substratos — de trabalhadores de fábrica, escriturários, guarda-livros e carteiros (conhecidos na Inglaterra como a “classe trabalhadora”, na Alemanha como *Mittelstand* e na França como *nouvelles couches*) a advogados e médicos (a “classe profissional”) —, cada um com atitudes e preocupações próprias. Seus membros esforçavam-se arduamente para encarar os que estavam abaixo deles com o devido desdém, mas, como observa o eminente historiador do período vitoriano Peter Gay, embora pudesse já ter ido a concertos e comprado móveis novos, os temores que a classe trabalhadora sentia “de cair no proletariado eram muito reais, uma das razões por que tantos de seus membros insistiam de modo quase cômica em ostentar maneiras formais burguesas e em posturas éticas burguesas para os filhos ... eram pessoas respeitáveis. Não proletários!”

8. Corrente de relógio feita de elos grossos, assim chamada em alusão ao príncipe consorte da rainha Vitória, também usada por Enoch Drebber (*Estudo em vermelho*) e Hosmer Angel (“Um caso de identidade”). Albert, visto pela massa como fleumático e pomposo, não era uma pessoa muito querida, mas ditava a moda masculina.

9. Membro de uma sociedade secreta cuja origem, por tradição, é associada aos Templários, ao antigo Império Romano, aos faraós, a Hirão de Tiro, ao Templo de Salomão, ou até aos tempos da Torre de Babel e da Arca de Noé. Os maçons da Inglaterra remontam a 926 d.C., embora a livre-maçonaria tenha surgido somente no século XVIII.

os olhos pela coluna de anúncios, a cabeça espichada e o jornal alisado sobre os joelhos, dei-lhe uma boa espiada, esforçando-me por detectar, ao estilo de meu companheiro, os indícios que seu traje ou sua aparência poderiam conter.

Mas minha inspeção não me revelou grande coisa. Nosso visitante tinha todas as características do comerciante britânico banal e mediano; era gordo, presunçoso e bronco.⁷ Usava calças bem largas de lã cinza quadriculada, uma sobrecasaca preta cuja limpeza deixava a desejar, desabotoada, e um colete pardacento sobre o qual brilhava uma grossa corrente Albert⁸ de latão, de que pendia, como um berloque, uma peça de metal quadrada e furada. Em cima de uma cadeira, a seu lado, via-se um desbotado sobretudo marrom, a gola de veludo amassada. No conjunto, por mais que eu olhasse, nada havia de notável no homem, exceto seu cabelo de um ruivo chamejante e uma expressão de extrema consternação e contrariedade estampada em seu rosto.

O olhar arguto de Sherlock Holmes percebeu rapidamente do que eu me ocupava, e, sacudindo a cabeça com um sorriso ao notar meu exame atento, comentou: “Além das evidências de que ele trabalhou como operário em alguma época, cheira rapé, é maçom⁹, esteve na China e tem escrito muito ultimamente, não consigo deduzir mais nada.”

Mr. Jabez Wilson teve um sobressalto na sua cadeira; seu dedo indicador estava no jornal, mas os olhos no meu companheiro.

“Céus! Como ficou sabendo de tudo isso, Mr. Holmes?” perguntou. “Como soube, por exemplo, que fui



um trabalhador braçal? É a mais perfeita verdade, comecei como carpinteiro de navio.”

“Suas mãos, meu caro senhor. A direita é bem maior que a esquerda. Trabalhou com ela e os músculos são mais desenvolvidos.”¹⁰

“Mas e o rapé? E a maçonaria?”

“Não insultarei sua inteligência dizendo-lhe como adivinhei isso, especialmente porque, e na verdade contrariando as severas regras de sua ordem,¹¹ o senhor usa um alfinete de gravata com arco e compasso.”¹²

“Ah, claro, esqueci-me disso. Mas e a escrita?”

“Que outra coisa poderia indicar esse seu punho direito com uns doze centímetros tão lustrosos e a manga esquerda puída perto do cotovelo, onde a esfrega na mesa?”

“Bem, e a China?”

“O peixe que tem tatuado logo acima do punho¹³ direito só poderia ter sido feito na China. Fiz um pequeno estudo das tatuagens e cheguei mesmo a contribuir para a literatura sobre o assunto. Essa habilidade de pintar escamas de peixe de um cor-de-rosa delicado é inteiramente peculiar à China. Quando, além disso, vejo uma moeda chinesa pendurada na corrente do seu relógio, a questão se torna ainda mais simples.”

Mr. Jabez Wilson deu uma gargalhada:

“Vejam só! A princípio pensei que o senhor havia feito algo de extraordinário, mas vejo que, afinal, não foi nada de mais.”

“Começo a achar, Watson”, disse Holmes, “que cometo um erro ao explicar. *Omne ignotum pro mag-*

10. Cf. “Peculiarities of Workmen”, em *Tit-Bits* (10 de janeiro de 1891): “O ombro direito de um carpinteiro é quase invariavelmente mais alto que o esquerdo, em consequência de ele ter de usar o braço direito o tempo todo para aplainar e martelar. A cada aplainação, seu corpo se eleva de repente, e acaba se tornando natural para ele manter-se dessa maneira.”

11. Os maçons eram obrigados a manter em segredo os vários sinais e palavras que lhes eram revelados, e a divisa da ordem era “*Audi Vide Tace*” (“Ouve, Vê, Cala”). Supunha-se em geral que eles se davam a conhecer entre si por maneiras secretas de apertar a mão, sinais e palavras em código.

12. Corretamente, o “esquadro e compasso”, os emblemas do ofício de pedreiro. O esquadro e o compasso combinados foram em certa época um adorno pessoal bastante comum na forma de berloques pendurados em correntes de relógio ou de anéis de sinete.

13. Embora o punho possa parecer um lugar improvável para uma tatuagem, o número de *Tit-Bits* de 14 de janeiro de 1891 relatou: “São muitas as mulheres que empregam [a arte da tatuagem]. No caso delas, a decoração é em geral uma abelha, uma borboleta, um ramo de flores ou um monograma. Esses ornamentos são usados no lado interno do punho, de modo a poderem ser escondidos pela luva, se necessário.” Por que Wilson fizera sua tatuagem no punho, não se sabe.



14. “Tudo que é desconhecido passa por esplêndido”, epigrama de Tácito, escrito por volta de 98 d.C. Tácito foi um historiador romano cujos escritos são as fontes mais confiáveis de conhecimento sobre os tempos romanos. O epigrama é de sua *Vida de Agrícola*, considerada uma das melhores biografias jamais escritas; Holmes, educado como um cavalheiro, evidentemente a lera no original latino.

15. Segundo o *Stoll's Editorial News* de 2 de junho de 1921, a Stoll Film Company publicou um anúncio semelhante no *Times* em 20 de janeiro de 1920, quando filmava “The Red-Headed League”: “Em razão de circunstâncias não desprovidas de vínculo com o legado de Hezekiah [sic] Hopkins, de Lebanon, Penn., EUA, emprego lucrativo por Apenas Um Dia está disponível para vinte homens de cabelos vermelhos e encaracolados que sejam sadios de corpo e mente. Terão preferência os que serviram nas Forças de Sua Majestade e tenham algum conhecimento da arte de representar.” Quarenta ex-soldados de cabelos vermelhos e encaracolados apresentaram-se no Cricklewood Studio e o produtor resolveu contratar todos eles.

16. “Fleet Street [é] uma das ruas mais movimentadas de Londres”, segundo o *Baedaker* de 1896. Célebre pelos jornais e outros escritórios de gráficas e editoras que abrigava, em 1896 a rua era o quartel-general e sinônimo da “penny press” de Londres, isto é, dos jornais sensacionalistas da época, os ancestrais dos tablóides de hoje.

nifico’,¹⁴ você sabe, e minha reputação, já modesta, ficará arruinada se eu continuar sendo tão franco. Não consegue encontrar o anúncio, Mr. Wilson?”

“Sim, acabo de achá-lo”, respondeu ele, com o dedo grosso e vermelho plantado no meio da coluna. “Cá está. Foi com isso que tudo começou. Leia o senhor mesmo, por favor.”

Peguei o jornal de suas mãos e li:

À LIGA DOS CABEÇAS VERMELHAS¹⁵

Graças a um legado do falecido Ezekiah Hopkins, de Lebanon, Pensilvânia, EUA, abriu-se agora mais uma vaga que concede a um membro da Liga o salário de quatro libras por semana por serviços puramente nominais. Todos os homens de cabeça vermelha sadios de corpo e mente e com mais de 21 anos podem se candidatar. Comparecer pessoalmente segunda-feira às 11 horas; procurar Duncan Ross nos escritórios da Liga em Pope's Court, nº7, Fleet Street.¹⁶



Fleet Street [The Queen's London, 1897]

